Índice

Livro I
Março de 1992 – Janeiro de 1995 9

Livro II
Novembro de 1996 – Março de 1999 119

Livro III
Outubro de 1999 – Janeiro de 2001 257

Livro IV
Janeiro de 2003 – Dezembro de 2005 409

Livro V
Janeiro de 2006 – Maio de 2007 543

Agradecimentos 695

Notas de Tradução 699

Livro I

Março de 1992 – Janeiro de 1995

O paradoxo da educação é este: à medida que a pessoa começa a tornar-se consciente, começa também a examinar a sociedade em que está a ser educada.

JAMES BALDWIN

1

Regresso

Gaepo-dong, Seul, Coreia do Sul
Março de 1992

As regras já tinham mudado.

No espaço de um mês após a chegada da Austrália, a Sra. Helen Koh encontrou um apartamento adequado para a família num bom distrito escolar de Seul. O bairro de classe média de Gaepo não era tão agradável como aquele onde vivia a irmã Sonya, mas teria de servir. Depois de pagar o depósito pelo contrato de dois anos, uma dolorosa quantia que consumiu grande parte das poupanças da família, e de substituir os bens mais urgentes antes da chegada do contentor oriundo de Sydney, Helen aceitou que não havia simplesmente margem no orçamento para algo melhor.

A casa que arrendavam em Campsie, um subúrbio de Sydney, tinha quatro quartos, uma salinha e um generoso quintal com espaço para churrascos. O apartamento em Seul, no terceiro andar de um edifício com cinco anos, construído apressadamente por empreiteiros medíocres, era composto por três quartos pequenos, uma sala de estar de tamanho razoável e duas casas de banho. O quarto maior coube aos dois rapazes, Bo e DH; Helen e o marido, John, ficaram com o de tamanho médio; e o mais pequeno, junto ao *hall* de entrada, ficou para Mido, a filha com quem Helen mais se preocupava.

Desde o início do casamento, John confiara à sensata esposa a gestão das finanças domésticas. A parcimónia e o bom senso de Helen permitiam-lhe concentrar-se na carreira. Durante quase duas décadas, todas

as segundas-feiras de manhã, Helen dera a John uma mesada semanal para transportes, alimentação e despesas pessoais; cabia-lhe depois fazer render o que restava do salário do marido para os dízimos, as despesas da casa e as poupanças para a reforma — nessa ordem, se algo sobrasse. Com uma especialização em matemática pela Universidade Nacional de Seul, John preferia os problemas que pudesse resolver no papel; a vida familiar tinha demasiadas variáveis.

Criar três filhos era dispendioso e, quando ainda eram jovens, Helen começara a trabalhar como vendedora numa loja para complementar o salário estável de John, insuficiente para as necessidades crescentes da família. O trabalho de John obrigara a família Koh a viver em Paramus, Seul e Sydney. Em cada uma dessas cidades, os supervisores de Helen reconheciam o seu talento e consideravam-na uma vendedora fiável.

Helen comprava um bloco de espiral destinado a cada um dos três filhos e, na contracapa, colava um envelope de papel pardo onde guardava dinheiro para propinas, roupa e despesas diversas. Os envelopes daquele ano estavam mais leves do que o habitual porque as crianças tinham precisado de muitas coisas novas no regresso à Coreia. Além dos uniformes escolares, Bo e DH necessitavam de sapatilhas maiores, casacos de inverno mais quentes e vários guias de estudo. Mido, a mais nova, não crescera tanto como os irmãos, pelo que o seu guarda-roupa serviria por mais um ano. Em Sydney, porém, tivera dificuldades de aprendizagem e precisara de acompanhamento especializado, o que consumira a parte que lhe cabia nas poupanças.

Mido tinha treze anos e frequentava o primeiro ano do terceiro ciclo numa escola local. Era baixa e franzina para a idade, sendo frequentemente confundida com uma criança bem mais nova. À semelhança do pai, tinha olhos pequenos e redondos, que lhe emprestavam uma expressão cativante sempre que sorria. E, tal como ele, tinha uma visão perfeita e não precisava de usar óculos, ao contrário de Bo, que deles necessitava desde muito pequeno. Mido usava o cabelo escuro com risca ao meio e duas grossas tranças, que combinavam com o seu ar pálido e discreto.

Embora fosse capaz de se expressar com suficiente desenvoltura, parecia quase incapaz de o fazer na escola, na igreja ou em qualquer outro lugar fora de casa. Com a família conversava quando era necessário e sentia-se especialmente à vontade na presença do pai. Aos sábados à noite, depois de Mido terminar os trabalhos de casa e as tarefas domésticas, assistiam os dois a programas musicais na televisão, sorrindo e gargalhando num casulo sem palavras.

Os filhos tinham todos nascido em Paramus, na Nova Jérsia, na altura em que John trabalhava em Nova Iorque numa empresa japonesa de exportação sob a alçada de Taehun Shin, que fora seu colega de faculdade, embora andasse um ano à frente dele. Durante os tempos de escola, do serviço militar cumprido na unidade de elite KATUSA — onde o inglês de ambos melhorara bastante —, e também nas empresas de exportação japonesa e coreana que permitiram às famílias dos dois homens viver no estrangeiro como expatriados subsidiados, Shin fora sempre como um irmão para John. A família Koh residira sete anos na Nova Jérsia, três anos em Seul e quase seis em Sydney, antes do regresso a Seul um mês antes do início daquele período letivo.

Ao longo da infância de Mido, os professores tinham pedido várias vezes a Helen que fosse à escola para falarem do comportamento excessivamente reservado da filha. No pré-escolar em Paramus, e nos primeiros anos de escola em Seul, Mido quase não dirigia a palavra às outras crianças e era excluída das amizades. Na escola primária em Sydney, os professores tinham sugerido possíveis dificuldades de aprendizagem, apesar das suas excelentes notas. Encorajavam-na a participar mais nas aulas, a ser mais assertiva e a trabalhar melhor em grupo.

Helen considerava-se uma progenitora moderna e instruída, e queria ajudar a filha mais nova. Tirou algum tempo do trabalho e consultou um especialista em aprendizagem, um terapeuta da fala e um terapeuta ocupacional. Os médicos em Sydney consideraram Mido uma criança mais ou menos normal. Um pediatra conceituado declarou que, do ponto de vista médico, não havia nada de errado com a audição ou com as cordas vocais da jovem. A psicóloga infantil acreditava que a timidez de Mido era cultural, e que as frequentes mudanças de casa podiam tê-la desorientado. As crianças asiáticas, observara a conselheira escolar, tendiam a ser menos faladoras.

O pai de Mido, um introvertido altamente funcional que geria o departamento de recursos naturais de uma empresa multinacional de exportação, não acreditava nesse tipo de simplificações absurdas. Nem todos os coreanos eram ensimesmados. A sua própria família era composta por gente ruidosa. Ao menor pretexto ou incentivo, a mãe, o pai e o irmão mais velho levantavam a voz e defendiam as suas opiniões de forma bem articulada. Para que o deixassem em paz, John refugiara-se nos estudos, destacando-se em matemática e línguas estrangeiras. Em adulto, não exigia muito à vida. Gostava de ouvir música e de passar tempo com a esposa e os três filhos.

John queria confortar a sua querida Helen, que estava claramente perturbada com o facto de a filha não ter amigos. Durante a própria infância, Helen, tal como a irmã mais velha, fora uma líder nata — comunicativa, amável e determinada nos seus objetivos e métodos, eloquente tanto em coreano como em inglês. Na universidade, fora vice-presidente de uma sociedade de poesia inglesa e secretária de um grupo de apreciação musical. Helen encarava as dificuldades da filha como algo pessoal.

John sentia-se menos ansioso quanto ao futuro da filha. Mido era uma aluna do sétimo ano com capacidades de leitura semelhantes às de um estudante universitário. As outras crianças é que não sabiam valorizá-la, argumentava ele. Quando estivesse preparada, haveria de se afirmar, fazer amigos e encontrar o trabalho que estava destinada a fazer. Acabaria por ultrapassar aquela reserva social. Helen, uma mulher de fé, rezava para que assim fosse. Talvez Mido fosse mais extrovertida se os irmãos, tão seguros de si, não a ofuscassem com as suas expansivas personalidades, ou se a família Koh não tivesse mudado de continente a cada poucos anos.

John Koh queria tratar os filhos e a filha de forma igual, mas reconhecia as diferenças inatas entre as suas personalidades. Acima de tudo, queria proteger a tranquilidade da filha. Toda aquela insistência e atenção extra não podiam ser-lhe benéficas. Afinal, se se procurasse com afinco, encontrar-se-ia sempre alguma coisa errada. O mundo já era demasiado barulhento. Não havia problema nenhum em Mido ser como era, em procurar privacidade e solidão.

Como seria de esperar de uma criança que lia muito e raramente falava, Mido tinha excelentes notas; contudo, nos boletins escolares, os professores comentavam com frequência: «A Mido é uma aluna aplicada e uma boa rapariga. O que nos preocupa é a ausência de relações sociais.»

Helen estava habituada ao bom desempenho escolar e à popularidade dos filhos rapazes. Bo era um aluno que se destacava, o eterno preferido dos professores, e DH era um excelente jogador de futebol. Helen era o tipo de pessoa que precisava de resolver as coisas, e queria saber o que podia fazer para reforçar a autoestima da filha. Mido não tinha de ser a presidente da escola, a mais bonita ou a melhor aluna; Helen desejava apenas que a filha fosse aceite.

Embora, por vontade dela, não tivessem regressado a Seul — preferindo criar os filhos no estrangeiro, onde teriam mais oportunidades —,

havia naquela mudança algum consolo: na Coreia, a timidez de Mido parecia quase banal. Ali, uma criança podia ser mais silenciosa.

A escola ficava a seis quarteirões da principal rua de comércio e a menos de dez minutos a pé do apartamento dos Kohs. O edifício de quatro andares, em tijolos de betão, com telhado de ardósia e caiado de branco com remates em azul-escuro, albergava várias salas de aulas, um espaçoso auditório, duas salas de música e um ginásio recente. Havia um campo bem cuidado para os três anos de rapazes e raparigas. Mido não frequentava a cobiçada escola básica de Gangnam, que enviava o maior número de alunos para as mais desejadas e especializadas escolas secundárias públicas da cidade, mas a sua escola estava longe de ser a pior.

A turma de Mido era composta por quarenta e seis alunos. O diretor de turma, o Sr. Na, que também lecionava matemática, atribuíra-lhe um lugar na segunda fila.

O lugar diretamente atrás dela era ocupado por uma rapariga atraente, de olhos grandes e escuros. Excelente aluna, Yun Kim era também conhecida por ser uma velocista talentosa e uma exímia teclista. Os colegas respeitavam-na, e, por causa disso, o professor designava-a sempre para a função de delegada de turma. De manhã, a mãe de Yun penteava-lhe o comprido cabelo cor de azeviche numa trança francesa e, embora todas as raparigas usassem uniformes idênticos, Yun destacava-se por calçar sapatilhas americanas.

Como delegada de turma, cabia a Yun ajudar Mido, a nova aluna oriunda da Austrália, a integrar-se. No primeiro dia de aulas, foi Yun quem lhe explicou onde deixar a lancheira, onde e quando trocar de roupa nos dias em que praticavam educação física, que clubes podia frequentar, bem como a localização das respetivas salas. Mido fez tudo como lhe foi indicado, sem incomodar Yun com perguntas desnecessárias e, como era seu apanágio, manteve uma atitude reservada. Sempre atenta, Mido era capaz de apreender, pela observação, tudo o que precisava de saber.

Para compensar o silêncio junto das outras raparigas, Mido sorria com frequência, e os seus olhos curvavam-se sobre as bochechas redondas e rosadas. A maioria dos adultos apreciava a sua cara meiga, mas as colegas de turma não a teriam considerado tão bonita quanto Yun, cujos traços simétricos eram frequentemente alvo de comentários elogiosos. A ausência de encantos físicos marcantes não a incomodava; pelo contrário, sentia alívio por passar despercebida.